

Fantástico: O show da vida, sensacionalismo ou bom jornalismo?¹

Beulla Cristina Laureana SILVA²

Fernanda Maurício SILVA³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,
MG.

RESUMO

Os conceitos de bom jornalismo e sensacionalismo sempre são evocados quando discutimos a qualidade de um programa televisivo. Este artigo se propõe a discutir, por meio das críticas televisivas feitas ao programa *Fantástico: o show da vida* na década de 1980, o que era entendido como jornalismo de qualidade e o que era entendido como mal feito e sensacionalista.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Crítica Televisiva; Jornalismo de Televisão.

1. INTRODUÇÃO

A década de 80 foi uma época de fortalecimento da indústria televisiva brasileira. Os militares, que defendiam uma política de “integração nacional” perceberam na televisão um potencial para difundir essas ideias e por isso houve um grande investimento por parte do governo em infraestrutura e tecnologia. É também um período de profissionalização da TV, os programas ao vivo dão lugar a programas gravados evitando assim os erros, e é consolidado o “padrão globo de qualidade”, com suas convenções estético-formais e racionalização de sua programação. Houve um crescimento expressivo no número de brasileiros que compraram aparelhos de TV’s, estima-se que 56,1% da população possuía um aparelho televisor, esse aumento chamou.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG, e-mail: beulla.silva@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG, e-mail: fernandamauricio@gmail.com.

a atenção de empresários que ampliaram seus investimentos e anúncios. A partir da metade da década de 80, com o fim do regime militar, houve uma abertura pela democratização, e o surgimento de uma programação voltada para o povo, tais como programas de auditório, dramaticidade da vida cotidiana, o chamado “jornalismo-cão” e a presença de pessoas comuns na tela. Tudo isso contrastava com a fase elitista que marcou o início da TV no Brasil, em meados de 1950, onde obras cultas como as de Shakespeare eram encenadas durante a programação.

O programa *Fantástico: o show da vida* surge no início da década de 70 com uma proposta inovadora aliando jornalismo, humor, cultura, irreverência e prestação de serviços em um único programa, caracterizando-se no subgênero revista eletrônica. As reportagens traziam notícias já veiculadas durante a semana, documentários, matérias sobre assuntos de saúde pública e algumas reportagens internacionais intercaladas com números circenses ou números musicais, onde artistas apresentavam seus novos discos. O objetivo deste artigo é discutir o Fantástico da década de 80 por meio das críticas e perceber o que era entendido como bom jornalismo e como sensacionalismo.

2. CRÍTICA TELEVISIVA

Segundo Silva (2016), a crítica televisiva se difere das demais críticas como por exemplo, a cinematográfica, porque analisa um produto que não foi concluído e, portanto, tem um papel importante para chamar a atenção para o que precisa ser aperfeiçoado e para tal o crítico de TV se coloca na mesma posição do telespectador, assistindo a programação no mesmo horário e compartilhando os mesmos sentimentos. O programa é entendido como um produto cultural, uma vez que está inserido na cultura e por consequência, carrega traços e os expressa em sua constituição. Portanto, a análise do programa deve levar em consideração todo o contexto e não apenas os episódios isoladamente. “É a cultura que define os parâmetros para olhar a mídia e seus produtos e o trabalho do crítico, de certa forma, demonstra as condições culturais estabelecidas no contexto sócio-histórico” (SILVA, 2016). Essa especificidade do meio televisivo que é permeado por uma constante transformação dos produtos, e permite que a crítica seja um espaço de discussão sobre qualidade que pode contribuir positivamente na melhoria de sua programação.

3. “FANTÁSTICO: O SHOW DA VIDA”

O Programa “*Fantástico: o show da vida*” surgiu em cinco de agosto de 1973. Porém na década de 80, passou a intensificar os investimentos em tecnologia e aprimorar o seu lado artístico como, por exemplo, a mudança na vinheta em comemoração aos dez anos de programa, no ano de 1983. Idealizada por Hans Donner, a vinheta que até então foi o projeto mais caro da Rede Globo, traria a música composta por Boni.

O intuito do programa era trazer humor, dramaturgia prestação de serviços, reportagens investigativas e documentários, aos domingos, em duas horas de programa. Não possuía um elenco fixo e os apresentadores se revezavam. Somente em 1988, quando completou 15 anos, o programa passa a ser apresentado ao vivo por Sérgio Chapelin, William Bonner e Valéria Monteiro. Nesse momento é demarcada uma linha editorial mais voltada para a atualidade.

Mesmo com muitas críticas em relação ao formato, a produção e veiculação do conteúdo, o programa era campeão de audiência, e se manteve imbatível desde o início, até quase o final da década quando começou a perder o público para o programa Sílvio Santos.

O que a princípio era inovador passou a ser considerado “Chato, cansativo e previsível” (AUTOR DESCONHECIDO, 1985). No início da década de 80, as principais críticas eram em relação às abordagens dos temas problematizados pelo programa. Os temas eram considerados bem escolhidos porém as abordagens eram classificadas como mal feitas e em alguns casos chamadas de anti-reportagem. As matérias eram apontadas como sensacionalistas, parciais, e com o único objetivo de expor as mazelas da sociedade. Os elogios se limitavam aos números musicais e à parte cultural do programa, entendida pelos críticos como uma maneira bem-sucedida de levar cultura a população brasileira: “armar um tablado em praça pública, para dar aos populares, a oportunidade de dançar ao som de música que já conhecem, mas também de alargar seus conhecimentos musicais” (NAVARRO, 1980).

Há casos em que uma mesma reportagem divide a opinião dos críticos, o que seria considerado mundocanismo para uns é considerado bom jornalismo para outros, como foi o caso da crítica de Maria Helena Dutra, sobre uma reportagem relatando um

incêndio em um prédio da Avenida Paulista em fevereiro de 1981. Ela deixa claro no título que se tratava de bom jornalismo, afirmando: “raramente tivemos imagens de tamanho impacto jornalístico como as obtidas por estes profissionais de extrema coragem que mostraram um tiroteio real e acompanharam os lances mais dramáticos da luta contra o fogo”. Porém, em outro momento, ela afirma “o show da morte repetiu, reprisou, detalhou e minuciou tudo o que podia sobre os dois acontecimentos. Saturou, mas pouco acrescentou”. (DUTRA, 1981)

Em uma publicação em 1982, intitulada o “Leitor é o crítico”, o Jornal do Brasil reproduz trechos de críticas enviadas pelos leitores. A grande maioria desses leitores eram estudantes, médicos, engenheiros e dentre eles, uma dona-de-casa. Eles afirmam que o programa é sensacionalista, repetitivo, cansativo e totalmente influenciado pelos americanos. A partir das críticas que sucedem, percebemos que o Fantástico é comumente associado aos termos “sensacionalismo” e “mundocanismo”, seja abordando assuntos como a importância do uso de painéis de ferro no lugar das de alumínio, seja na exibição de alguma matéria relacionada à saúde pública. É dito também que o programa leva a alienação.

Segundo Amaral (2005), o conceito de sensacionalismo é errante, pois não tem uma sistematização de embasamentos teóricos, e notadamente o seu uso é feito quando quer se referir a produtos jornalísticos populares. “O sensacionalismo é um modo de caracterizar o segmento popular da grande imprensa, uma percepção do fenômeno localizada historicamente e não o próprio fenômeno” (AMARAL, 2005, p.2).

De tão utilizado, o conceito se tornou vago e ficou relacionado ao jornalismo que expõe crimes bárbaros, explora as emoções dos personagens e se utiliza de uma linguagem coloquial ou até de baixo de calão. Segundo a autora, dizer que um programa é sensacionalista é o mesmo que afirmar que ele se propõe a despertar sensações. Porém, a maioria dos programas de se dedica a isso, na atualidade.

Muitas vezes, ao taxarmos um jornal ou programa de sensacionalista, também revelamos uma noção equivocada da atividade jornalística, uma visão problemática dos aspectos culturais que a envolvem e uma compreensão simplista que reduz os jornais e programas populares à manipulação, degradação ou interesse comercial. (AMARAL, 2005)

Sobre as críticas que afirmam que o programa perde a qualidade por se utilizar de pautas alarmistas, sensacionalistas, o crítico Eugênio Lyra Filho, afirma que:

impôs-se como a força correta de noticiar objetiva... imparcialmente. Não há adjetivações, nem sequer ênfases especiais para dramatizar esta ou aquela

notícia. Se as notícias nem sempre são boas, é porque os fatos, tampouco, são sempre bons - e escondê-los não ajuda nada a ninguém (LYRA, 1984)

Segundo ele, o programa mostra o real e não o ideal e que essa exibição se faz necessária para a conscientização. O crítico coloca o programa como um importante prestador de serviços que alerta a população para que lute pelos seus direitos.

A matéria que tratou sobre uma pesquisa que mostrava os soviéticos realizando partos na água e seus benefícios para o bebê foi elogiada. “Verdadeiro show da vida de uma ciência voltada para melhoria das condições de sobrevivência e relacionamento entre os homens. Houve riqueza de detalhes na tomada das câmeras dos cineastas focalizando questão de grande interesse para a humanidade. Reportagem nota 10.” (AUTOR DESCONHECIDO, 1981). O parto natural é novamente elogiado em outra crítica, seguido de uma reprovação recorrente: as reportagens internacionais. Ainda assim, a cobertura das eleições francesas veiculada em 10 de maio de 1981 foi plenamente elogiada e considerada com um dos assuntos realmente de interesse em comum.

Através das críticas também é possível perceber o alcance do programa naquela época, ao afirmar que após uma matéria, exibida no programa, apresentar os benefícios do nabo, principalmente para o emagrecimento, ele esgotou nas feiras e supermercados, e onde se podia encontrar, o produto estava acima do preço. Em 1983, o programa alcançava a marca de 10 anos na liderança das TV's cariocas com o índice de 56,0%. O horário que antes era ocupado pelo programa *Só o amor constrói*, registrava índices de 30,0%. Alguns críticos consideram que o público brasileiro está sendo alienado e que prefere o pior, e ainda que o programa continua líder na audiência unicamente por incompetência das outras emissoras.

Há algumas críticas relacionadas aos comentaristas, como por exemplo, o Ibrahim Sued, que apresentava o quadro Campanha de defesa do consumidor. Segundo os críticos o quadro demonstrava resultados positivos tais como a retirada de alimentos proibidos de circulação. A crítica que pairava sobre ele, é a de que apesar de defender os direitos do consumidor ele era reconhecido por esbanjar em festas na sua residência. (Autor Desconhecido, 1981).

As matérias produzidas pelo repórter Hélio Costa eram alvos de críticas constantes, porque não mostrava adequadamente as pautas relacionadas à saúde. Suas matérias eram consideradas mórbidas. Ele foi chamado de correspondente de hospitais e

farmácias e o programa, de show da morte e também de Programa de plástico, fazendo alusão a sua música de abertura. É interessante ressaltar que o teor e o formato de suas matérias são similares às exibidas atualmente por Dráuzio Varella, que foi e é constantemente elogiado e seu trabalho é considerado serviço público.

O Fantástico é associado também pela sua irrealidade. Em um exemplo, o crítico Paulo Maia afirma que a mistura dos quadros musicais com os quadros onde são tratados assuntos relativos a remédios é um exemplo de um fenômeno de comunicação de massas intitulado pelos teóricos como *fait-divers*:

Os teóricos definem na expressão francesa *fait-divers*, magnificamente dissecada num artigo do francês Roland Barthes. "Ao nível da leitura, tudo está dado num *fait-divers*: suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desfecho sem direção e sem contexto. Ele constitui um ser imediato total". escreveu Barthes.

Outro teórico, o baiano Muniz Sodré escreveu em *Monopólio da Fala* (Vozes, 1977) que "o *fait-divers* - o crime passionai, o fato extraordinário, as anomalias - tem uma significação fechada, imanente à própria informação". Numa nota de pé de página, o professor cita uma pauta genérica do programa e não encontra melhor meio de explicar sua teoria de que ele é a melhor grade de *fait-divers* existente no Brasil. O interesse da produção do programa concentra-se em: reunião de muitas pessoas num lugar, acontecimentos com pessoas famosas, coisas inéditas, fatos engraçados, contrastes, ação, muito dinheiro, histórias de amor e superação e recordes. (MAIA, 1983)

O referido jornalista afirma que interessa mais o fato de notícia ou *feature*, tal como retratado no Fantástico servir mais à ilusão caleidoscópica do que à informação da realidade circundante.

Talvez a fórmula revista eletrônica explique a façanha. É variada e com os cuidados visuais famosos da estação. Mas tenho para mim que o sucesso muito mais se prende ao seu conhecido conteúdo pastel-de-vento. É duro reconhecer, mas não há como escapar da incontestável verdade de que o público médio carioca, para só ficar por aqui, já adora uma hipocondria, o sucesso musical do momento, desastres ocasionais, endêmicos carentes e problemas, resultado da Loteria Esportiva, acrobacias, circo e loucos americanos. Uma receita que não leva a nada, mas deve distrair muito, pois, repita-se, até agora se mostra imbatível. (MAIA, 1983).

Em 1985, o Fantástico apresenta um quadro chamado "A Garota do Fantástico". Esse quadro é duramente criticado e comparado ao concurso de modelos da concorrente SBT e afirmam que o objetivo é apenas mostrar mulheres bonitas seminuas. Apesar de inúmeras análises negativas, o programa se mostra consolidado, o crítico afirma em um dado momento: "como seria o nosso fim de domingo sem o Fantástico?" (PEREIRA, 1987).

O programa também é criticado por tratar com leveza determinados assuntos que, de acordo com os críticos não poderiam ser veiculados dessa forma, ainda que a televisão não seja um espaço adequado para debates que exigem tamanha seriedade, a exemplo da AIDS, abordada em uma edição do programa. O texto de Chapelin foi apontado como meramente alarmante e que não se aprofundava sobre o assunto.

Em 1987, o programa começa a perder audiência para o SBT e seu *Show de Calouros*. Em 1988, Alexandre Garcia é reprovado por não ser um crítico ferino do governo, mas por deixar se padronizar nos moldes da casa. No mesmo ano é marcada uma nova fase do programa, o apresentador Sérgio Chapelin, agora apresentará o programa ao lado de William Bonner, nessa época, recém-contratado pela Rede Globo e Valéria Monteiro. Além disso, o programa pretendia dar destaque ao jornalismo e atualidade, noticiando inclusive fatos que ocorreram aos domingos. Essa década teve acontecimentos marcantes, noticiados pelo programa como a morte de Tancredo Neves e a Assembleia Constituinte. Houve críticas também ao modo como as notícias sobre os candidatos a presidência eram noticiadas. O programa era acusado de fazer apologia a Fernando Collor do PRN e de desmoralizar Luís Inácio Lula da Silva do Frente Brasil Popular.

4. BOM JORNALISMO X SENSACIONALISMO

Na leitura de todas as críticas o que fica bem demarcado é que existe um “bom jornalismo”, um padrão de jornalismo e que o Fantástico não está inserido nessa categoria. Amaral (2005) ressalta que esse modelo em questão seria o jornal impresso, e comparar um programa televisivo com um jornal impresso não é possível, porque para tanto, seria necessário pensar que as notícias são simplesmente um espelho dos acontecimentos, e que o jornal meramente as reproduz, desconsiderando que toda notícia é pensada a partir de um viés, e transmitida através de uma forma narrativa, estereótipo e imagem. A autora aponta ainda, que a linguagem adotada do telejornal popular não é a mesma pensada para um telejornal de elite, não há comparação entre as imprensas de referência e a popular porque são destinadas a públicos diferentes. “Várias abordagens ignoram o fato de que os meios de comunicação baseiam-se numa visão antecipada do campo da recepção e mudam seus discursos conforme os públicos que lhes interessam” (AMARAL, 2005). Os modos de endereçamento de um jornal, ou seja,

a forma como ele decide transmitir um fato, diz muito da ideia que ele faz do seu público.

Outro ponto elencado por Amaral (2005) é o erro de taxar o conteúdo dos programas populares como degradação cultural, o que nos remete a discussão sobre alta e baixa cultura. Esse debate deve ser substituído por um que considere a cultura em sua amplitude sem desconsiderar a influência midiática e o investimento econômico por trás da emissora.

É certo que toda narrativa provoca uma sensação e para pensar o sensacionalismo - que seria entendido como os críticos apontam, um exagero das sensações – que ele pode ser compreendido através de duas dimensões: ética – com uso de recursos inaceitáveis para os padrões éticos jornalísticos - e estética – utilizando de uma abordagem cultural distinta da que é explorada pela imprensa de referência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para as críticas percebemos que não há um consenso sobre o que é bom e o que é ruim e também que a maioria das análises se pauta no conteúdo e não no formato, e não há uma justificativa do posicionamento. Não ficam evidentes para o leitor, quais são os parâmetros a serem observados, e em alguns casos, há uma divergência clara: o que é visto como excelente por um analista é considerado de mau gosto por outro. Constantemente o “ruim”, “mau gosto”, “anti-reportagem” é associado ao conceito de sensacionalismo, mas não há características específicas que nos permitam identificar esta ou aquela matéria como sensacionalista. Porém, quando observamos o que era considerado “bom”, “jornalismo de qualidade”, é possível perceber que normalmente se tratava de pautas culturais, tais como as peças teatrais e números circenses, o que nos remete a noção que faz uma diferenciação entre baixa e alta cultura.

As críticas são um importante instrumento de identificação das características de um programa, e no caso do Fantástico nos mostra como é preciso aprimorar os parâmetros e conceitos sobre qualidade e da ausência dela.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Intexto, n.13, p. 103-116, 2005.

SILVA, Fernanda. Quando a crítica encontra a TV: uma abordagem cultural para a análise da crítica televisiva. **Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22177/14174>>

NAVARRO, J.Boa música e mau jornalismo no Fantástico. *Última Hora*, 15 nov. 1980. Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=3585&PageNo=1>>

RÓNAI, Cora. Insustentável leveza. **Jornal do Brasil**, 27 mai.1987. Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=6476&PageNo=1>> Acesso em 19 de abril de 2018

DUTRA, Maria Helena. Bom jornalismo e muita repetição. **Jornal do Brasil**, 17 fev. 1981. Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=3745&PageNo=1>> Acesso em 10 de abril de 2018

_____. TV Globo foi a Moscou e não mentiu. **Hora do Povo**, 20 mar.1981 Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=55737&PageNo=1>>

_____. Data histórica pela audiência. **Jornal do Brasil**, 07 ago. 1983. Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=4807&PageNo=1>> Acesso em 10 de abril de 2018

MAIA, Paulo. Um coquetel variado mas irreal. **Jornal do Brasil**, 07 ago. 1983. Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=4807&PageNo=1>> Acesso em 10 de abril de 2018

O NABO Milagroso. **O Globo**, 04 out.1981 Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=4050&PageNo=1>> Acesso em 19 de abril de 2018

LOGO Ibrahim?. **Ultima Hora**, 18 mai. 1981 Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=3890&PageNo=1>> Acesso em 10 de abril de 2018

BAPTISTA, Martha. Da Idade da Pedra ao homem de plástico, O Show da Vidas fez de tudo nestes 10 anos. **Jornal do Brasil**, 13 abr.1980 Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=4807&PageNo=1>>

PEREIRA, Hamilton Vaz. Com descontrolado remoto. **Jornal do Brasil**, 15 fev. 1987.
Disponível em <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=7242&PageNo=1>> Acesso em 10 de abril de 2018